

MARIA: A MÃE DO POVO

Resgatando a tradicional espiritualidade mariana

Coleção **TEMAS MARIANOS**

- *Aparições de Nossa Senhora — Suas mensagens e milagres*, Ernesto N. Roman
- *Maria e a Trindade*, Bárbara P. Bucker, Lina Boff, Maria C. Avelar
- *Maria na piedade popular*, Murilo S. R. Krieger
- *Viver com Maria — Temas de espiritualidade e qualidade de vida*, Luiz Alexandre Solano Rossi
- *Aparecida do Brasil: A Madona Negra da abundância*, Lucy Penna
- *Maria, mulher de Deus e dos pobres: Releitura dos dogmas marianos*, Clara Temporelli
- *Virgem Maria, Mãe em plenitude*, Frei Maria-Eugênio do Menino Jesus
- *Caminhar com Maria para seguir Jesus*, José Adriano Gonçalves
- *Maria tão plena de Deus e tão nossa*, Kathleen Coyle, ssc
- *Maria: A mãe do povo — Resgatando a tradicional espiritualidade mariana*, Pe. Jerônimo Gasques

PE. JERÔNIMO GASQUES

MARIA: A MÃE DO POVO

Resgatando a tradicional espiritualidade mariana



Direção editorial: *Claudiano Avelino dos Santos*
Assistente editorial: *Jacqueline Mendes Fontes*
Revisão: *Caio Pereira*
Iranildo Bezerra Lopes
Iorlando Rodrigues Fernandes
Diagramação: *Dirlene França Nobre da Silva*
Capa: *Marcelo Campanhã*
Impressão e acabamento: PAULUS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Gasques, Jerônimo
Maria: a mãe do povo — Resgatando a tradicional espiritualidade mariana / Jerônimo Gasques. — São Paulo: Paulus, 2014. — (Coleção Temas marianos)

ISBN 978-85-349-3943-0

1. Cristianismo 2. Espiritualidade 3. Fé 4. Maria, Virgem, Santa I. Título. II. Série.

14-0348

CDD-232.91

Índices para catálogo sistemático:

1. Maria, Mãe de Jesus: Teologia dogmática cristã 232.91

1ª edição, 2014

© PAULUS – 2014
Rua Francisco Cruz, 229 • 04117-091 São Paulo (Brasil)
Fax (11) 5579-3627 • Tel. (11) 5087-3700
www.paulus.com.br • editorial@paulus.com.br

ISBN 978-85-349-3943-0

“Deus ajuntou todas as águas e deu-lhes o nome de mar, e ajuntou todas as graças e deu-lhes o nome de Maria” (*São Luís Maria de Montfort*).

“Sabe-se muito bem que a Santíssima Virgem é a rainha do céu e da terra; porém, é muito mais Mãe que rainha” (*Santa Teresinha do Menino Jesus*).

“A Virgem Maria é reconhecida e honrada como sendo verdadeiramente a Mãe de Deus e do Redentor... Ela é ‘claramente a mãe dos membros de Cristo... Maria, Mãe de Cristo, Mãe da Igreja’” (CIC 983).

“Donde me vem esta honra de vir a mim a Mãe de meu Senhor?” (Lc 1,43).

INTRODUÇÃO

Falemos sobre Maria, a mãe do povo. São tantos os títulos que se deram a Maria que eles nos dão a certeza de que Maria não é nada de si, mas totalmente entregue ao povo. A ladainha está carregada de títulos e amabilidades à Mãe de Jesus Cristo. Há o cumprimento da promessa de Jesus ao entregar Maria ao discípulo amado, João: “Eis aí a tua mãe” (cf. Jo 19,26-27).

Maria guarda a mais doce lembrança de mãe. Nada mais terno e delicado da parte de Deus; escolher uma mulher para compartilhar do seu plano de salvação. É uma mistura de ternura e compaixão pelo povo. Assim é Deus com sua meiguice! Quando pensamos que nada mais tem saída, vem Deus e abre a sua porta para nos receber. No tempo oportuno ele nos acolhe com a plenitude de sua salvação (cf. Gl 4,1-11).

Maria, mãe do povo! De origem simples, pobre (*anawin*), humilde, ela recebe a mais ilustre visita, a do arcanjo Gabriel e, com ela, tudo muda em sua vida. A missão do arcanjo é anunciar grandes novidades, para que o povo se alegre com a visita de Deus em sua terra.¹ Nas grandes

¹ J. GASQUES, *Anjos: Deus cuida de nós*, São Paulo, Paulus, 2013, p. 35s. O autor pontua a catequese sobre os anjos: “Estamos criando anjos que tenham a nossa medida e correspondam à nossa necessidade. Procuramos anjos que falem, sintam e amem a gente de verdade. Nossa carência é tão grande que somente os anjos podem nos socorrer” (da *introdução*).

missões/destinos do povo, Deus sempre envia o seu anjo. O anjo é o seu enviado e representante e, melhor dito, o seu arcanjo sempre tem uma missão muito peculiar e extraordinária, que excede as expectativas humanas. É Deus mesmo cuidando do seu povo.

Apenas para ilustrar. Sua primeira aparição – a do anjo – foi para informar Daniel sobre acontecimentos do fim dos tempos (Dn 8,15-27). Em Dn 9,20-27, após Daniel ter pedido a interpretação de uma visão, o anjo Gabriel veio trazer a revelação, a qual falava sobre as setenta semanas; outra aparição foi para informar o sacerdote Zacarias sobre o nascimento de João Batista (Lc 1,13-19); e a maior mensagem trazida por Gabriel foi quando apareceu para proclamar o nascimento de Jesus Cristo, o Salvador e Messias prometido (Lc 1,26-38).

A visita do arcanjo Gabriel à Virgem Maria, quando esta se encontrava em Nazaré, cidade da Galileia, marca o início de toda uma trajetória que cumpriria as profecias do Antigo Testamento e daria ao mundo um novo caminho, trazendo à luz a Boa-Nova. Ali nasceu, também, a oração que a partir daquele instante estaria para sempre na boca e no coração de todos os católicos: a Ave-Maria.

Certamente, poder-se-ia imaginar: era dia, quem sabe; talvez uma manhã, ao sol a pino, como é comum na Palestina ensolarada; não sabemos se era outono, inverno ou primavera, enfim. Creio que foi no entardecer daquele grande dia, pois assim rezamos no *Angelus*.

O cair da tarde é tão esperado nas aldeias pelo povo simples; na zona rural, o povo parava o trabalho, deixava seus afazeres, seu arado, pendurava a sua enxada e preparava os ouvidos para ouvir no rádio a oração da Ave-Maria. Não há Maria sem poesia; embora a dor insista em continuar,

Maria está ali para aliviar o filho amado. Havia aqueles locutores que caprichavam na emoção, na encenação e conquistavam os ouvintes.

“Dezoito horas. Os ponteiros assinalam para o infinito...”, dizia o locutor com a voz embargada e da mais pura emoção que vinha do fundo de sua alma cabocla. Era uma palavra carregada de emoção, pois nascia de dentro do profissional do rádio. Os mais velhos se lembram do padre Donizete, do padre Vitor Coelho. São vozes inconfundíveis. Em todo caso, não sabemos ao certo qual foi o horário da anunciação a Maria. Apenas que o anjo apareceu de uma súbita “ausência”. Não havia nada para ser escondido. Era o momento da revelação. Era o momento de Deus. Havia chegado a plenitude dos tempos, como nos lembra Paulo (Gl 4,4).

Recorda-nos o texto bíblico do Novo Testamento:

No sexto mês, o anjo Gabriel foi enviado por Deus a uma cidade da Galileia chamada Nazaré. Foi a uma virgem, prometida em casamento a um homem chamado José, que era descendente de Davi. E o nome da virgem era Maria. O anjo entrou onde ela estava, e disse: “Alegre-se, cheia de graça! O Senhor está com você!”. Ouvindo isso, Maria ficou preocupada, e perguntava a si mesma o que a saudação queria dizer. O anjo disse: “Não tenha medo, Maria, porque você encontrou graça diante de Deus. Eis que você vai ficar grávida, terá um filho, e dará a ele o nome de Jesus. Ele será grande, e será chamado Filho do Altíssimo. E o Senhor dará a ele o trono de seu pai Davi, e ele reinará para sempre sobre os descendentes de Jacó. E o seu reino não terá fim” (Lc 1,26-33).

A história de Maria está intrinsecamente ligada à história de Jesus; ela teve um papel sobremodo importante na vida do Filho de Deus. Maria carregou em seus braços o menino Deus; foi ela quem acompanhou o garoto em seus primeiros passos, na sua educação, em seu ministério terreno e até em sua morte na cruz; porém, o mais importante gesto de Maria foi guardar no coração tudo o que ouvia e sabia sobre o Filho de Deus e seu filho: “Maria, porém, guardava todas estas palavras, meditando-as no seu coração” (Lc 2,19); “E sua mãe guardava no seu coração todas estas coisas” (Lc 2,51).

Foi um silêncio obediente e repleto de circunstancialidade. Não havia outro caminho que não o de se calar para deixar o Espírito agir na vida e seio daquela profetizada por séculos afora. No mundo repleto de conectividade, o silêncio é difícil e, para a maioria, quase impossível.

Maria tinha de fazer silêncio para descobrir o poder da palavra que ela mesma estava gerando. Agora ela tinha de se deliciar com cada momento de seu silêncio; os meses poderiam passar, mas seu companheiro, José, deveria compartilhar da mesma experiência de amor. Como escreve frei Betto em seu livro *A aldeia do silêncio*: “Não é a boca que faz o silêncio, é o âmago do nosso ser [...]. O verdadeiro silêncio cala o espírito e se traduz em paz interior, em inquietação da alma, e a ninguém julga, nem a si mesmo”.²

Esse foi o mais sacrificado dos seus silêncios. Com José, esposo dedicado à missão silenciosa do Pai. Quando

² Frei BETTO, *Aldeia do silêncio*, Rio de Janeiro, Editora Rocco, 2013, 191p. “Esse silêncio de Deus que paira acima de toda fé não é o que mais incomoda. Incomoda o silêncio perante aqueles que têm fé” (p. 163). Outro texto significativo para a reflexão sobre o silêncio é o livro do monge Anselm GRÜN, *O poder do silêncio*, Editora Vozes, 2ª ed., 2010. Diz Eckhart TOLLE, *O poder do silêncio*, Editora Sexante: “O poder do silêncio é uma viagem que nos conduz a uma nova consciência e a um profundo entendimento. Ele nos traz paz, alegria, infinita vontade de viver, unicidade e, sobretudo, gratidão”.

todos os pais tecem elogios aos seus filhos, Maria e José os faziam discretos e diferentes: guardam no coração; era uma promessa, um segredo entre os dois. Será que os vizinhos não percebiam ou a discrição era tamanha que não se dava para notar? Talvez devesse ser essa a missão atual dos pais. Os pais expõem tanto seus filhos que os acabam perdendo de vista.

Maria de Nazaré era uma linda serva de Deus e guardava em seu coração tudo de extraordinário que acontecia na vida de seu filho Jesus; ela sabia que ele era Filho de Deus, sabia de sua concepção, de seu nascimento na humilde manjedoura, porém, com direito a presentes dos reis do Oriente (cf. Mt 2,1-12) e estrela guiando pastores até Belém; sabia de seu ministério desde que, durante a festa da Páscoa, aos doze anos, o menino ficou em Jerusalém (sem seus pais) para discutir as Escrituras com os doutores da Lei no Templo.

Que misteriosa mãe e curioso pai que “perdem” de vista o seu filho! Isso deve fazer todo e qualquer casal pensar sobre a sua missão de cuidadores de seus filhos. Perder os filhos em Deus é deixá-los se encontrar com a sua mais nobre origem; abandoná-los em Deus para deixar a palavra se revelar e o testemunho acontecer. Como é difícil sugerir e viver isso!

Maria sabia que Jesus é Deus e, quando sugeriu a ele que tomasse providências nas bodas de Caná da Galileia, colocou-se na posição de serva de Deus e disse aos serventes: “Fazei tudo quanto ele vos disser” (João 2,5b). Que mãe discreta e cheia de delicadeza; sabia do seu lugar no plano da salvação; como esse comportamento deve servir de modelo para as mães.

Maria ensinou a obediência ao Filho de Deus. Jesus aprende em casa as primeiras lições de bem viver; os prin-

cípios da ética (Jesus os colocou em prática no sermão das bem-aventuranças). É no lar que se ensinam os grandes segredos da vida e que os levaremos pelo resto da existência. O lar é o templo sagrado da escola da educação. Ali se ensina o beabá da vida, bem como os descaminhos da rua larga e sem direção.

A missão de Maria se encerrou aos pés da cruz (Jo 19,25); depois disso, ela estava presente no Pentecostes e na ascensão de Jesus aos céus, e nada mais se relata na Bíblia, sobre Maria, nada mais havia a ser dito, todas as lições que aprendemos com ela já estavam registradas nos Evangelhos. Certamente, tudo que podemos deduzir desta mulher agraciada por Deus. Apenas serve do Senhor!

Maria é a mãe do Salvador e, ao mesmo tempo, serve do Filho de Deus. Maria recebeu o Espírito Santo no dia de Pentecostes, assim como os demais discípulos de Jesus, porque Maria era uma discipula do Senhor. A mãe, discipula do Filho. Vejam que coisa interessantíssima: no mundo Palestino, onde os filhos devem obediência aos pais, Maria se coloca como observadora obediente.

O que está acontecendo com a devoção mariana

(Vamos tratar disso melhor no capítulo VIII.) Nas últimas décadas, temos observado algo estranho na devoção mariana. Os católicos não estão muito interessados na *devoção* a Nossa Senhora. Eles têm, é claro, uma *admiração* por Maria. Mas não estou falando em *admiração*, estou pensando em *devoção* mesmo.

O objetivo do nosso livro é trazer à lembrança dos católicos esse aspecto devocional reforçado pela evangelização. Coisa que, de fato, está em falta e acaba incomodando o devocional mariano com expressões e atitudes estranhas

à salutar orientação. Sobressai, com isso, uma desvirtuada admiração por Maria naquilo que ela não pode oferecer.

Devoção é seguir um ritual, um momento, ocupar um espaço de espiritualidade mariana; as devoções, que são principalmente expressas por meio da oração, fazem parte de um “culto privado” mais amplo, que é a piedade popular; é estar disposto a rezar o terço, prestar homenagens a Maria de forma ritual e, especialmente, dar testemunho do amor por Maria. Enquanto a admiração é simplesmente uma forma de gostar de Maria, como se gosta ou se admira outras coisas ou santos.

Hoje em dia vemos inúmeras formas para prestar homenagens a Maria. Algumas chegam às raias do absurdo. Já temos visto grupo de “devotos” que, não se contentando com a oração do terço, ainda acrescentam a Bênção do Santíssimo, a pregação, o “passeio” com Jesus, a celebração do culto com a distribuição da Eucaristia e outras práticas alheias à devoção mariana. Inventam uma série de esquetes, teatros e formalidades para atrair o público na devoção mariana.

Alguns cantos que têm Maria como referência são absurdos. Os movimentos, em geral, exploram a devoção de forma inapropriada. Dias desses ouvia uma “bela” canção mariana com expressões simplesmente equivocadas. Por exemplo: “Mãe, capela do Santíssimo, sacrário do amor”; “A primeira que comungou foi a Virgem Maria”; “Primeiro ostensório do Senhor”, e assim por diante. Essas ideias devem ou deveriam ser corrigidas. Mas quem vai cuidar disso, se pela internet já havia mais de 300.000 visualizações (março de 2014)? No que se refere a Maria, a maioria dos seus admiradores está mais preocupada com a poesia que com a teologia!

Bem diferente é outro mais popular e encarnado na vida do povo: “Pelas estradas da vida, nunca sozinho estás, contigo pelo caminho Santa Maria vai. Ó vem conosco, vem caminhar! Santa Maria, vem! Se parecer tua vida inútil caminhar, pensa que abres caminho, outros te seguirão. Ó vem conosco, vem caminhar! Santa Maria, vem!”.

Em alguns meses, como maio e outubro, fazem-se caminhadas, festivais *gospels* e outras coisas para acrescentar a Maria aquilo que ela já tem naturalmente. Será que a oração do terço não é suficiente? E aquelas orações tradicionalmente esquecidas sobre a devoção mariana não seriam interessantes para o resgate nesses meses marianos?

Os terços temáticos. Nunca se viu tanta “criatividade” para aquilo que é simples e modesto como a oração do terço em família ou individualmente. Inventam terço disso e daquilo: terço do Espírito Santo, da Intercessão, da divina misericórdia, do coração ardente de Jesus, do amor, da via-sacra, das mãos ensanguentadas, das lágrimas de sangue de Maria, da milícia celeste, do desagravo, do exorcista de São Bento, da graça, do perdão, dos homens, bizantino, missionário (além do terço dos santos e dos anjos); tiram e aumentam mais Ave-Marias, as ladainhas particulares e outras jaculatórias para incrementar a devoção. Por que chegamos a esse ponto?

A maioria das motivações para essa enorme variedade de terços, em geral, é motivada pela devoção a algumas videntes. Santa Faustina, em seu *Diário*, por exemplo, disse que Jesus lhe revelara: “As almas que rezarem este terço serão envolvidas pela minha misericórdia, durante a sua vida e, de modo particular, na hora da morte. Quando recitam esse terço junto a um agonizante, aplaca-se a ira de Deus, a misericórdia insondável envolve a alma...” (em *Terço da Misericórdia e Diário* 754, 1541, cf. 1731).

Continua na sua locução: “Filha minha, animai as almas a rezarem o terço que vos dei. Pela recitação deste terço me agrada conceder tudo o que me peçam. Os sacerdotes o recomendarão aos pecadores como última tábua de salvação. Até o pecador mais obstinado, se rezar uma só vez o terço, receberá graça de minha misericórdia infinita. Rezado ao lado dos agonizantes, me porei entre o Pai e a alma moribunda, não como justo juiz, mas sim como Salvador Misericordioso” (cf. *Diário* 687, 754).

Objetivo do livro

Neste livro vamos anotar alguns pontos sobre Maria na perspectiva de mãe do povo. Vamos observar mais de perto as Escrituras, um pouco da história eclesiástica, os títulos que o povo deu a Maria; o que os papas disseram sobre Maria; o que o povo pensa sobre Maria; resgatar o genuíno devocional mariano, como as rezas (orações e piedade) mais antigas, algumas práticas marianas esquecidas e o seu carinho de filho para com a mãe. Vamos saber da razão de tantas devoções que, às vezes, cultivamos sem saber o porquê.

Os santuários marianos estão repletos de peregrinos. Estamos, neste livro, completando o que dissemos em outro texto sobre o devocional do terço.³ Enfim, como dizia São Bernardo: “De Maria nunquam satis”, isto é, sobre Maria nunca falamos o suficiente. São Luís de Montfort interpreta: “Maria não foi ainda suficientemente louvada e exaltada,

³ J. GASQUES, *Devocional do terço dos homens*, Loyola Editora, 2014, 85p. O autor descreve a importância da oração do terço e indica os motivos pelos quais o católico deve se interessar pela oração do terço. Não há como ser católico sem o hábito da oração do terço. O livro é uma espécie de *rosariologia* para quem quer compreender a importância da devoção mariana por meio dessa forma simples de se encontrar na oração. O Devocionário é uma catequese e evangelização sobre as várias devoções marianas.

honrada, amada e servida. Merece ainda muito maior louvor, respeito, amor e serviço”. E alguns séculos antes, o Reformador já havia concluído: “Maria é, na cristandade inteira, o mais nobre tesouro depois de Cristo, e nunca poderemos exaltar o suficiente a mais nobre imperatriz e rainha, exaltada e bendita acima de toda nobreza, com sabedoria e santidade” (Martinho Lutero).

É bom explicarmos que Maria não é “santa” nem “deusa” como uma parte das pessoas pensam ou acham sobre Maria e sua devoção. Santo é aquele que é reconhecido pela Igreja como tal. O culto prestado a Deus se chama *latria* e aos santos se chama santoral (*dulia*) e o de Maria é próprio e se chama *hiperdulia*. São cultos que não se misturam e não devemos confundir a devoção com a adoração, que somente é prestada a Deus.

Resgatar a devoção mariana naquilo que ela tem de mais antigo e nobre. Nessas últimas décadas tem-se valorizado, sobremodo, as “aparições” de Maria; tem-se desviado o foco para um devocional mais voltado à imaginação sentimental e explorado, de forma exorbitante, o aspecto emocional. A devoção ficou manca e a tradição mariana ficou no esquecimento por falta de alguém que lembrasse à comunidade e aos devotos que existem outras formas de admirar Maria naquilo que a tradição conservou de forma mais marcante e que, por descuido, ficou no blecaute.

Lembrava São Luís de Montfort: “Todos os dias, dum extremo da terra ao outro, no mais alto dos céus, no mais profundo dos abismos, tudo prega, tudo exalta a incomparável Maria. Os nove coros de anjos, os homens de todas as idades, condições e religiões, os bons e os maus exaltam essa Mulher...Vibra nos céus, como diz São Boaventura, o

clamor incessante dos anjos: *Sancta, sancta, sancta Maria, Dei Genitrix et Virgo* (Santa, santa, santa Maria, mãe de Deus e Virgem); e milhões e milhões de vezes, todos os dias, eles lhe dirigem a saudação angélica: *Ave, Maria...*, prostrando-se diante dela e pedindo-lhe a graça de honrá-la com as devidas homenagens como mãe do povo” (com uma pequena modificação, em *Tratado sobre a verdadeira devoção*, 8).

Lembremos de uma inspiradora palavra do papa João Paulo II ao se referir a Maria:

Junto a vós, ó Virgem Mãe, ficamos a pensar diante da manjedoura onde jaz o menino, para partilhar do vosso assombro perante a imensa condescendência de Deus. Dai-nos os vossos olhos, ó Maria, para decifrarmos o mistério que se esconde nos frágeis membros do vosso Filho. Ensinai-nos a reconhecer a sua face nas crianças de todas as raças e culturas. Ajudai-nos a ser testemunhas credíveis da sua mensagem de paz e de amor, para que também os homens e as mulheres da nossa época, marcada ainda por fortes contrastes e incríveis violências, saibam reconhecer no menino que está nos vossos braços o único Salvador do mundo, fonte inesgotável da paz verdadeira por que, no íntimo, todo o coração anseia (*Mensagem Urbi et Orbi*, 25 de dezembro de 2002).

O livro em mãos evoca a necessidade de pensar, de forma catequética e evangelizadora, a devoção mariana; resgatar a tradicional devoção que ficou esquecida e trazer à tona aquela devoção mais genuína e mais próxima da dinâmica do Concílio. A genuína devoção a Maria obriga ao apostolado. Adverte o *Manual do Legionário de Maria*: “Quando os seus membros se tornarem assim, cópias vivas de Maria, a Legião pode considerar-se, de verdade, Legião

de Maria, cooperadora da sua missão e certa de que com ela vai triunfar” (p. 27). Lembrando as palavras exortativas do papa João Paulo II quando convoca o povo ao genuíno culto mariano.

Assim diz o informativo da Rádio Vaticana: “O papa João Paulo II, no dia 29 de outubro de 1997, dedicou uma Audiência Geral ao tema ‘Devoção mariana e culto das imagens’, para comentar o número 67 do oitavo capítulo da Constituição Dogmática sobre a Igreja *Lumen Gentium* (LG) do II Concílio do Vaticano”.⁴

“Os cristãos são convidados – diz o papa – a serem ‘promotores’ do culto mariano, tendo por base a oração do ‘Rosário’ (terço) e do ‘*Angelus*’. Além disso, também se reafirmam as decisões sobre o culto das imagens definidas no II Concílio de Niceia, que se realizou no ano de 787”. Nessa reflexão, João Paulo II destaca essas mesmas decisões, citando-as e valorizando não só a validade, como também a utilidade do culto das imagens de Jesus Cristo, de Maria e dos santos. Em particular, o papa refere que “as imagens de Maria ajudam os cristãos a ‘estabelecer relações mais vivas com ela’”.

Depois, dirigindo-se aos pregadores e aos teólogos, convida-os a ter uma dupla atitude: evitar tanto o exagero como a demasiada estreiteza, tendo sempre presente que o culto mariano tem como objetivo orientar os fiéis para Jesus Cristo.

⁴“O Concílio oferece, por fim, aos crentes alguns critérios para viverem de maneira autêntica a sua relação filial com Maria: ‘E os fiéis lembrem-se de que a verdadeira devoção não consiste numa emoção estéril e passageira, mas nasce da fé, que nos faz reconhecer a grandeza da Mãe de Deus e nos incita a amar filialmente a nossa mãe e a imitar as suas virtudes’ (LG 67). Com estas palavras os Padres conciliares advertem contra a ‘vã credulidade’ e o predomínio do sentimento. Eles têm em vista, sobretudo, reafirmar que a devoção mariana autêntica, procedendo da fé e do amoroso reconhecimento da dignidade de Maria, impele ao afeto filial para com ela e suscita o firme propósito de imitar as suas virtudes.” João Paulo II, 1997, Libreria Editrice Vaticana. Disponível em: <www.vatican.va>.

Maria é “a mãe do povo vivente”, lembrava Epifânio de Chipre (final do século IV d.C.); é a mãe do povo na fé da Igreja em lembrança de seu Filho Jesus Cristo. Ela é a primeira entre esses membros do povo de Deus e se torna mãe em virtude do seu papel fundamental na encarnação do Verbo de Deus.

Se tudo isso eu confirmo como verdade e acredito de mente e de coração, por que me esquivar de Maria? Você é cheia de graça! É o tudo de um pouco dessa mulher... Pois, para Deus, não existe pouco, apenas o suficiente. Maria foi o suficiente de Deus... Mãe das gerações...